

SIBILA DE *FERRÕES AGUDOS*: POESIA E RESISTÊNCIA EM AUGUSTO DOS ANJOS

SIBYL OF SHARP STINGERS: POETRY AND RESISTANCE IN AUGUSTO DOS ANJOS

Derivaldo dos Santos¹

Resumo: O presente texto analisa o poema “O Negro”, de Augusto dos Anjos, sob o ponto de vista da resistência à ordem ideológica que reservou aos povos de origem africana o lugar da exclusão, negando-lhes o direito à voz e à vida digna. A análise tomou como fundamentação o pensamento crítico de Alfredo Bosi (1977; 2002; 2015), em particular sobre poesia e resistência, e do pensamento teórico e reflexivo acerca da relação entre lírica e sociedade, segundo a sistematização de Adorno (2003), Merquior (1997; 2013) e Holanda (2019). O objetivo principal foi examinar o poema, investigando suas tensões visíveis em relação ao processo histórico e social brasileiro, referente ao contexto de sua produção – início do século XX -, tomando-o como recusa e resistência aos discursos correntes de dominação e domesticação do escravo. Sob o ponto de vista da recusa, trata-se de uma lírica que se abre ao social conduzindo o leitor para além do cotidiano de aflição, “na direção de uma situação digna do homem” (ADORNO, 2003, p. 73), que é, ao mesmo tempo, resistir e refugiar-se do sistema de opressão.

Palavras-chaves: Augusto dos Anjos; Negro; Poesia; Resistência.

Abstract: *This text analyzes the poem "The Black", by Augusto dos Anjos, from the point of view of resistance to the ideological order that reserved the place of exclusion for peoples of African origin, denying them the right to voice and dignified life. The analysis was based on the critical thinking of Alfredo Bosi (1977; 2002; 2015), in particular on poetry and resistance, and on theoretical and reflexive thinking about the relationship between lyric and society, according to the systematization of Adorno (2003), Merquior (1997; 2013) and Holanda (2019). The main objective was to examine the poem, investigating its visible tensions in relation to the Brazilian historical and social process, referring to the context of its production - beginning of the twentieth century - as refusal and resistance to the current discourses of domination and domestication of the slave. From the point of view of refusal, it is a lyric that opens itself to the social leading the reader beyond the everyday of affliction, "towards a situation worthy of man" (ADORNO, 2003, p. 73), which is, at the same time, to resist and take refuge from the system of oppression.*

Keywords: Augusto dos Anjos, *Black*; *Poetry*; *Resistance*.

¹ Doutor em Teoria Literária pela Universidade Federal de Pernambuco (2006) e Pós-doutor pela UFMG (2019). É professor Associado da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, lotado no Departamento de Letras (UFRN). E-mail: sderivaldo10@gmail.com.

Introdução

A partir da leitura que faz de Grande sertão, Lourival Holanda (2019, p. 31), concebendo a literatura como “expressão de uma dupla falta”, leva-nos a pensar que “pelo tratamento que dá à linguagem, o escritor impõe à realidade, que sempre insatisfaz, a força de sua recusa”. Seu estado de espírito de insatisfação da imediatez cotidiana torna-se, cada vez mais, um dos ingredientes inerentes à toda imaginação inventiva, por isso mesmo também cabe ao poeta o gesto da recusa.

A expressão lírica de Augusto dos Anjos, desvencilhada da aspereza científica, a percorrer a quase totalidade de sua obra, evoca a imagem de sujeitos desvalidos e marginais como contestação do estabelecido pelo patrulhamento ideológico, refazendo caminhos fora do poder. Na sua escrita poética chamam-nos a atenção títulos indicativos do que acabamos de dizer, tais como: “A um epilético”; “O canto dos presos”; “O condenado”; “O coveiro”; “Pecadora” e “Vencido”. Mais uma vez, Bosi (1997, p. 146):

Quer refazendo zonas sagradas que o sistema profana (o mito, o rito, o sonho, a infância, Eros); quer desfazendo o sentido do presente em nome de uma liberação futura, o ser da poesia contradiz o ser dos discursos correntes. (Ainda que nem sempre possa impedir de todo que um ou outro pseudovalor formal vigente — e, daí, obliquamente ideológico — venha a cruzar o seu jogo verbal.)

Ao incorporar à sua poesia a problemática em volta de marginalizados e oprimidos, e aqui o negro ganha relevo, na contramão dos discursos correntes, o poeta faz de sua lírica uma crítica da sociedade, “em nome de uma liberação futura”. Embora a questão do negro não figure como problema central em sua obra, a voz lírica que dela emerge faz ressoar sentimentos de resistência à história contada pela ótica dos vencedores (BENJAMIN, 1994), sibilando “ferrões agudos”.

Zilá Bernd (1988), ao refletir sobre os escritores que tomaram a dianteira sobre a constituição de uma literatura negra, no contexto brasileiro, no enfrentamento das questões que atravessavam a história do negro de origem africana, elenca, dentre outros, Luís Gama, Lima Barreto, Lino Guedes e Solano Trindade. E ao lado desses autores, embora, segundo a autora, de expressões muito tímidas quanto ao tema, figuram: Castro Alves, Cruz e Sousa e Machado de Assis. A despeito disso, todos eles criaram, à sua maneira, um discurso de resistência às forças de desumanização do sistema pseudocientífico imperante em seus contextos,

contribuindo para se reavaliar a história e a “revelar a mentira da ideologia, a trampa do preconceito, as tentações do estereótipo” (BOSI, 1996, p. 24).

O poeta trouxe, à expressão de sua lírica, um discurso de reivindicação e combate às forças hegemônicas de poder, que impuseram ao negro e a todos os desvalidos da história oficiosa uma experiência absolutamente agônica da vida. A esse quadro de coisas absurdas a sua poesia reage como recusa, eclodindo o canto de uma humanidade sofredora, estabelecida como categoria subumana: “doentes”, “homens bexigosos”, “prostituta”, “ama de leite”.

A partir dessas considerações, este texto se ocupa da leitura do poema “O negro”, do poeta do hediondo, tendo como finalidade principal examinar suas tensões visíveis em relação ao processo histórico de escravismo vivenciado no Brasil de início do século XX, examinando o poema como resistência à ordem social que submeteu o negro à experiência violenta e situações de crueldades e desumanização. A poesia dribla a lei de dominação dos homens sobre os homens, rasurando o quadro de desigualdade social e os códigos que legitimam o regime de exclusão, via pela qual se faz recusa do estabelecido. Segundo Lourival Holanda (2019, p. 39), “Trata-se aqui de captar o que escapa à visão oficiosa, ortodoxa, constituída, dos fatos. Mais: de ouvir os não ditos da história oficial. Todo discurso instituído dá uma imagem que precisa ser revista, repensada. Se não o espelho embaça”.

À luz desse entendimento, o poema nos encaminha para a direção de relatos de nossa história que precisam ser revistos e reavaliados. Para esta discussão, toma-se como fundamentação básica o pensamento teórico sobre poesia e sociedade, sistematizado por Adorno (2003), Bosi (1977; 2002, 2015), Merquior (1997; 2013) e Holanda (2019), a fim de investigar como a poesia, contrariando os códigos ideológicos pertinentes ao contexto em que viveu e produziu o poeta, tece a sua recusa ao coração da indiferença social, sendo-lhe, pois, a sua negação e o seu protesto. Nesse sentido, o poeta parece mesmo tomar a sociedade e o seu tempo histórico como um conjunto de coisas contraditórias (Adorno, 2003), desanuviando o que se esconde por trás da aparência enganadora dos discursos correntes.

Pressupostos básicos

A abertura da lírica ao social é objeto de discussão de Adorno (2003), no ensaio *Palestra sobre lírica e sociedade*, presente em *Notas de literatura I*. Segundo o teórico, ainda que a discussão possa proporcionar, no contexto da palestra em epígrafe, certo desconforto à plateia, trata-se de pensar a poesia lírica como “[...] o que há de mais delicado, de mais frágil” face à “[...] engrenagem, de cujo contato o ideal da lírica, pelo menos no sentido tradicional, sempre

se pretendeu se resguardar”. Sob esse ponto de vista, o leitor fica diante de “uma esfera de expressão que tem sua essência precisamente em não reconhecer o poder da socialização, ou em superá-la pelo páthos da distância”, mecanismo pelo qual a lírica, atingindo o geral no particular, interpreta “o universal humano” (ADORNO, 2003, p. 65-66).

Merquior (1997, p. 17), tecendo considerações sobre a natureza da lírica, concentrando-se na noção de mimesis, afirma ser o texto poético “uma representação fictícia de situações humanas, dotadas de interesse permanente”, o que é, na perspectiva do crítico, uma “finalidade partilhada a todo gênero literário”. Nessa direção, o que antes se tomava como expressão particular do estado de ânimo do poeta, uma súmula de suas emoções e sentimentos pessoais, eleva-se à condição de crítica do estabelecido. “A poesia se rende e se aumenta no esforço de interpretar o mundo, mas esse mundo é o universo coletivo dos homens”, tornando-se “crítica da sociedade” (MERQUIOR, 2013, p. 195-196), criando, assim, à sua maneira, pontos de contato com a realidade concreta.

Para Alfredo Bosi (2015, p. 17), em entrevista concedida aos jornalistas Paulo Hebmüller e Daniel Garcia, a subjetividade lírica, em sua abertura à socialização, se coaduna com forças hegemônicas de objetivação do mundo. Dizer isso é reconhecer que a poesia surge aos olhos do leitor como expressão de uma singular subjetividade capaz de imprimir, no paroxismo de sua linguagem inventiva, uma suspeição do que o maniqueísmo ideológico legitima: “[...] os poetas também vivem uma tensão entre o seu universo subjetivo, que é múltiplo, e as forças hegemônicas, sejam do capital ou do Estado (BOSI, 2015, p. 9), por isso as suas criações imaginárias, na apreensão da realidade concreta, se tornam um modo particular de ver o mundo.

Para Bosi (1977, p. 145), “o papel mais saliente da ideologia é o de cristalizar as divisões da sociedade, fazendo-as passar por naturais; depois, encobrir, pela escola e pela propaganda, o caráter opressivo das barreiras”, hegemonia de uma classe que se irradiou para o mundo como “domesticação dos dominados” (Weber, citado por Bourdieu, 2010, p. 11). O poético, no entanto, visto como produção simbólica – é uma atividade de representação não alheia ao andamento do mundo. “A poesia resiste à falsa ordem, que é, a rigor, barbárie e caos”, contradizendo “o ser dos discursos correntes”, e “resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia” (BOSI, 1977, p. 146).

O poeta capta e faz ecoar, na profusão desnorteante de seus signos, a voz dos seres subjugados. A esse respeito, leiamos, por exemplo, estes dois tercetos do poema “Ricordanza della mia gioventú”, de Augusto dos Anjos, em que a voz lírica, confessando a dimensão de seu sentimento de culpa, torna livre a ama de leite do delito que lhe fora imputado:

Vejo, entretanto, agora, em minha cama,
Que a mim somente cabe o furto feito...
Tu só furtaste a moeda, o oiro que brilha...

Furtaste a moeda só, mas eu, minha ama,
Eu furtei mais, porque furtei o peito
Que dava leite para a tua filha!

Os versos acima nos autorizam a pensar que o poeta, revolvendo “a estrutura da língua, está libertando o homem de seus condicionamentos mentais” (HOLANDA, 2019, p. 35), ajudando-lhe a enxergar realidades novas e a ultrapassar o que a percepção do cotidiano embaça.

Lirismo e resistência de gigantes mudos

Augusto dos Anjos fez de sua lírica um modo particular de ler o mundo a sua volta, ao trazer, para o centro de sua poesia, a representação social do negro como resistência à ordem social de opressão, vigente nas primeiras décadas do século XX. Segundo ainda Alfredo Bosi (1977, 144-145), a resistência é multifacetada e, entre os seus vários rostos, está “a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da paródia, do epos revolucionário, da utopia)”, sendo uma recusa deliberada da domesticação reservada ao negro pela sociedade de escravos. Eis o poema objeto de nossa análise:

O Negro

Oh! Negro, oh! filho da Hotentótia ufana,
Teus braços brônzeos como dois escudos,
São dois colossos, dois gigantes mudos,
Representando a integridade humana!

Nesses braços de força soberana
Gloriosamente à luz do sol desnudos
Ao bruto encontro dos ferrões agudos
Gemeu por muito tempo a alma africana!

No colorido dos teus brônzeos braços,
Fulge o fogo mordente dos mormaços
E a chama fulge do solar brasido...

E eu cuido ver os múltiplos produtos
Da Terra – as flores e os metais e os frutos
Simbolizados nesse colorido!

Esse poema² integra a coletânea “Poemas esquecidos”, de Augusto dos Anjos. Trata-se de um soneto, seguindo o modelo tradicional do verso em sua composição de decassílabo, aqui fazendo ressoar a realidade referencial advinda da África. No conjunto dos versos, vemos a atitude reflexiva do poeta desempenhar um papel decisivo no contraste com o regime de escravidão, remontando, assim, ao quadro histórico de crueldade definidor da sociedade escravocrata.

Sobre esse ponto de vista, é elucidativa a reflexão de Schwarcz (1998, p. 187) sobre o tema, no contexto histórico brasileiro ainda vigente no início do século XX:

[...] no Brasil, é com a entrada das teorias raciais, portanto, que as desigualdades sociais se transformaram em matéria de natureza. Tendo por fundamento uma ciência positiva e determinista, pretendia-se explicar com objetividade – valendo-se da mensuração de cérebros e da aferição das características físicas – uma suposta diferença entre os grupos. A raça era introduzida, assim, como base nos dados da biologia da época e privilegiava a definição dos grupos segundo seu fenótipo, o que eliminava a possibilidade de pensar no indivíduo e no próprio exercício da cidadania e do arbítrio.

No referido contexto, estava ainda em voga o pensamento do antropólogo Nina Rodrigues, com suas ideias evolucionistas, no Brasil, tendo como critério de classificação das raças o componente cientificista, de fundamento determinista. Refletindo criticamente sobre o alcance desse determinismo que alimentou o pensamento do antropólogo brasileiro, Alfredo Bosi (2002) afirma que o critério científico, que dividia os seres em superiores e inferiores pela cor, era fator de inibição do aprofundamento da consciência de liberdade dos povos. “Para a ciência não é esta inferioridade mais do que um fenômeno natural, produto da marcha desigual do desenvolvimento filogenético da humanidade das suas diversas divisões ou seções” (BOSI, 2002, p. 236). E continua o crítico: “Ao leitor sem preconceitos não deixa de causar estranheza a ausência absoluta, em todo o discurso de Nina Rodrigues, de qualquer menção às forças de extermínio que o homem branco desencadeou ao longo da história”³.

Associado à classificação das raças, cuja concepção deu aos arianos o entendimento de raça superior, e aos negros o de inferioridade, encontra-se, no contexto a que nos referimos, a noção de verdade universal. Por essa via de pensamento, séculos de escravidão legitimaram o exercício de poder como uma necessidade inevitável, que, à luz de uma razão universalmente

² Originalmente publicado em *O Comércio*, a 24 de maio de 1905. Cf. *Obras completas* de Augusto dos Anjos (1996, p. 840).

³ Idem, p. 237.

soberana, criou a base da sociedade racista e seus desdobramentos definidores de contextos sociais iníquos.

No processo histórico que forjou a divisão entre raça superior e inferior, também foi forjada a ideia de verdade universal e de razão soberana que imputou ao negro a ideia de ser decadente, despossuído de razão; de um lado, o branco civilizado e racional, e, na outra ponta, o nativo concebido como bárbaro, indolente e rudimentar, o que durante séculos de escravidão instituiu e legitimou preconceitos e discriminação do negro e de mulatos.

Segundo Arendt (1989, p. 215):

A raça, foi uma tentativa de explicar a existência de seres humanos que ficavam à margem da compreensão dos europeus, e formas e feições de tal forma assustavam e humilhavam os homens brancos, imigrantes ou conquistadores, que eles não desejavam mais pertencer à mesma comum espécie humana.

O discurso de supremacia de hegemonia branca imprimiu, no negro, “ferrões agudos” que, no espaço da senzala, molestou seu corpo, dilacerou sua alma, sua dignidade, e o levou, não raras vezes, à morte. Nessa conjuntura, “o evolucionismo em parte legitima ideologicamente a posição hegemônica do mundo ocidental. “A superioridade” da civilização europeia torna-se assim decorrente das leis naturais que orientariam a história dos povos”, diz Renato Ortiz (1994, p. 15), irradiando-se daí contornos claramente racistas. “O período escravocrata é um longo silêncio sobre as etnias negras que povoam o Brasil” (p. 19), por isso é fundamental a sua rememoração, não para simplesmente ratificá-la, mas como forma de até mesmo de evitar seus traços de iniquidade entre nós. É um dizer não à monstruosidade do discurso imperialista que se estabeleceu como nota dominante no contexto em questão. Conforme Hernandez (2005, p. 93), com apoio no pensamento crítico de Hannah Arendt, “o imperialismo colonial está comprometido com a construção de um aglutinante ideológico capaz de fundir a prática das condições de exploração e de dominação com as formas de justificá-la”, ao qual o negro passou a ser visto enquanto embaraço ao processo civilizatório.

O primeiro verso do poema evoca a realidade referencial do negro de origem africana, em tempos longínquos: “filho da Hotentótia ufana”. Trata-se, como se vê, de uma clara alusão ao território da Namíbia, que integra a África Austral, juntamente com Angola, Zâmbia, Malauí, Moçambique, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Suazilândia e África do Sul²; os hotentotes são considerados a tribo mais antiga da África do Sul. Caracterizada pelo nomadismo, foram tomadas pelos viajantes brancos como pessoas sujas e rudimentares. No decorrer do século XVIII, os bôeres, descendentes de colonos holandeses que, em meados do século XVII,

habitavam um posto marítimo no Cabo, provocaram “os mais terríveis massacres da história: o extermínio das tribos hotentotes [...], as selvagens matanças de Carl Peters no Sudeste Africano Alemão, a dizimação da pacata população do Congo reduzida de uns 20 milhões para 8 milhões” (ARENDR, 1989, 221).

Ao ler o poema, o que de imediato salta à primeira vista do leitor é esse quadro alusivo à história da África em seus primórdios. Com ele, o poeta parece mesmo, desde os versos iniciais, contestar a ideia de naturalização do negro como raça inferior fundamentado na pigmentação da pele escura, à luz de critérios pseudocientíficos. Observe o leitor que nos braços do negro habita a “integridade humana”, como se aí também residisse o componente mítico e divino de seus braços, paradoxalmente figurados como “gigantes mudos”:

Oh! Negro, oh! filho da Hotentótia ufana,
Teus braços brônzeos como dois escudos,
São dois colossos, dois gigantes mudos,
Representando a integridade humana!

O quadro inicial gira em torno de um desenho físico do negro (braços brônzeos, dois escudos, dois colossos, dois gigantes – gradação de seus dotes físicos), e com isso nos autoriza a pensar numa representação do corpo, ganhando uma dimensão capaz de extrapolar os limites da força física. Nessa compreensão, ganha relevo o plano da coletividade mimetizado na figuração da “integridade humana”, ainda que em meio a um silêncio imposto – “dois gigantes mudos”, assinalando, talvez, o componente contraditório da realidade concreta: “força soberana” e “gigantes mudos” convivem lado a lado. Vale registrar: “sem a fala, seremos reduzidos a seres sem política, sem tolerância, sem poesia, em síntese, sem o humano, diz Aduino Novaes, em *O silêncio e a prosa do mundo*, 2014, p. 13). Com a fala escassa, porque mudez imposta, o silenciar nesse caso é indicativo do modo de existir dos povos subjugados pelos vencedores da história (BENJAMIN, 1994).

O estado de ânimo do eu lírico pressupõe o envolvimento com a personagem para quem se dirige a sua atenção - o negro; o primeiro verso revela uma situação de aproximação entre os dois, de identificação e reconhecimento da grandeza do outro, talvez aí numa alusão a contextos de adversidades. Assim, o que se pode dizer dessa “integridade humana” num contexto em que o colonialismo decretou a condição escrava e a desumanização do negro, germinando na sociedade a discriminação e o racismo? O poeta, revolvendo a língua, pede reparos na história, alargando o entendimento que fazemos de nós mesmo e da vida³.

No geral, quase sempre se viu o pensamento europeu vinculado a um discurso sentenciador de inferioridade dos povos de origem africana. O pensamento de Oliveira Martins

é ilustrativo desse imperativo categórico: “Há decerto, e abundam os documentos que nos mostram no negro um tipo antropologicamente inferior, não raro próximo do antropoide, e bem pouco digno do nome de homem” (MARTINS apud FREYRE, 2000, p. 370). O tom dominante no discurso de hegemonia do branco não contemplava o trabalho escravo como representação da “integridade humana”, porque o imperativo era atribuir aos negros a imagem da degenerescência. Mais uma vez, Gilberto Freyre (2000, p. 371):

[...] e o africano foi muitas vezes obrigado a despir sua camisola de male para vir de tanga, nos negreiros imundos, da África para o Brasil Para de tanga ou calça de estopa tornar-se carregador de tigre. A escravidão desenraizou o negro do meio social e de família, soltando-o entre gente estranha e muitas vezes hostil. Dentro de tal ambiente, no contato de forças tão dissolventes, seria absurdo esperar do escravo outro comportamento senão o imoral, de que tanto acusam.

Se o filtro ideológico reduz o negro ao corpo e à força bruta, ou seja, como massa imponente limitada ao trabalho braçal, dando como verdade natural a imagem do ser-inferiorizado, o poema em análise parece surgir feito discórdia e recusa. Seus versos colocam tudo ao revés da história de hegemonia branca, sobre a qual se destina a atitude reflexiva do poeta. Nesse caso, o leitor poderá perceber que a matéria tematizada se irradia do particular para o geral, logo se convertendo na experiência vivida pelo “negro”/“alma africana”. E na convergência do individual com o coletivo, os “braços brônzeos” e seus “dois escudos” de repente ressoam como sinais de força e resistência às formas de dominação dos homens.

Na segunda quadra, o corpo mais uma vez ganha destaque, agora enquanto “força soberana” se projeta, ironicamente, na imagem de ser glorificado: os “braços” estão “desnudos”, submetidos “à luz do sol”, postos ao sacrifício em nome de uma humanidade livre, como se aí criassem, também, uma atmosfera alusiva ao sacrifício divino e messiânico. Se consideramos, contudo, a ambiguidade que é própria a todo registro artístico-literário, a dor e o sofrimento estampados no corpo do negro nos remetem a um quadro social que sufoca e atordoa, razão pela qual a poesia tem a sua grandeza ao expô-lo a todos nós, porque demanda reflexão e mudança.

Trata-se de uma irônica “soberania”, porque vinda de terras distantes africanas, marcada por “ferrões agudos”, num contexto de adversidade conjuntural, em que o negro figurava como propriedade forjada na concepção de raça inferior. Os “ferrões agudos” referendam as condições de sofrimento e desumanização pelas quais viveu o escravo no decorrer do processo histórico de escravidão e sua ressonância na sociedade atual. Submetido “Ao bruto encontro

dos ferrões agudos” não está apenas a representação de um voz em particular, mas a de o gemido de toda uma raça submetida à categoria subumana.

Se a lírica moderna, como quer Merquior (1997), se eleva a um esforço de interpretação do mundo, o poema de Augusto dos Anjos se eleva a um esforço de traduzir o destino dos excluídos: “Gemeu por muito tempo a alma africana!”. A expressão “por muito tempo” nos indica como o processo histórico a que o poema se reporta é extenso, intenso e duradouro, fazendo convergir “integridade humana” e “alma africana” no transcurso do tempo.

No primeiro terceto, o poema vai se encadeando como componente sonoro associado ao sentido da dor e do sofrimento do negro que vai se intensificando em cada verso. Tal estado de coisa é perceptível pela presença das aliterações em “b”, “t” e “d” (**T**eus **b**raços **b**rônzeos como dois **e**scudos), sugerindo, dentre outras possibilidades, tanto o batuque de tambores, no contexto de luta e resistência, quanto a rotina do trabalho cotidiano em meio ao tinir dos ferros e ao bradar dos “acoites”. Some-se a esse quadro o clamor dos negros e o seu grito de dor, sugeridos também pela reiteração da assonância, através das vogais abertas - “o” e “a” -, sugerindo a abertura da boca com o gemido ou grito de dor. Ao lado desse componente fônico figura a sensação de angústia e escuridão, estampada no timbre sonoro da vogal fechada - “u” -, conforme se vê nas palavras que percorrem o poema de início ao fim: “escudos”, “mudos”, “desnudos”, “bruto”, “agudos”, “fulge”, “múltiplos”, “produtos”, “frutos”.

A presença dessa vogal grave e fechada parece evocar “objetos igualmente fechados e escuros” (BOSI, 1977, p. 46). Se as vogais abertas, aqui referidas, contrastam com a vogal fechada, conforme se vê acima, o contraste parece assumir apenas sentido aparente, porque, no conjunto, as duas categorias de vogais concorrem para a evocação de um quadro histórico, cuja exposição maior é o estado agônico vivido pelo negro oprimido, mergulhado num mundo de profunda escuridão.

O componente de sonoridade advindo das consoantes, somada ao eco das vogais abertas e fechadas, empresta à imagem de dor e de sofrimento do negro circunscrito ao ambiente de desalento, tristeza e solidão. Considerando esse componente musical, cabe pensar também na matriz simbolista que se faz presente no poema, tanto pela carga de sugestão das aliterações e das assonâncias, bem como pelo teor de sentimento nelas imbricado, tão em voga na poesia simbolista, por exemplo, de um Mallarmé, na França, ou mesmo de Cruz e Sousa, no contexto cultural brasileiro, entre fins do século XIX e início do XX. Por outro lado, ultrapassando os horizontes da estilística simbolista, o poema se eleva a componente de cultura: torna-se eco da cultura africana ou afrodescendente, repercutindo o timbre e o batuque de seus tambores, por intermédio dos quais podemos ver “a milenar tradição dos griots africanos: a figuração do poeta

como porta-voz, conhecedor das relações entre saber e poder, que fala por si e por sua comunidade” (DUARTE, 2011, p.15).

Nesse caso, tudo funciona como se o poema operasse um circuito de coisas pesadas, frias e abjetas no seu entorno, apontando para um cenário de sofrimento e escuridão, no espaço da senzala e fora dela, mas ao mesmo tempo fazendo resistir os seus ancestrais e a sua cultura. E como se não bastassem os “ferrões agudos”, o bronzear referente à pigmentação natural da pele escura é, reiteradamente, acentuado pela exposição forçada à radiação solar, e da matéria colorida dos “brônzeos braços” do negro resplandece o “fogo mordente dos mormaços” e a “chama do solar brasido”, dando ao poema um componente de imagem e som.

No colorido dos teus brônzeos braços,
Fulge o fogo mordente dos mormaços
E a chama fulge do solar brasido...

O último terceto reitera a ideia de que a imagem do negro se faz dissonante em relação à imagem criada pelo sistema de dominação colonial. Reside aí uma atitude lírica reflexiva de oposição ao discurso corrente de seu tempo. A voz do sujeito lírico, que só se faz presente no último conjunto de versos, parece mesmo assumir a condição de observador atento à cena que passa: “E eu cuido ver os múltiplos produtos / Da terra...”, num claro reconhecimento de identificação entre os braços escravos e a fertilidade da terra. À luz desse entendimento, o poema nos autoriza a pensar que a atitude reflexiva do poeta reincide sobre a alma humana/alma africana, na apreensão de um movimento que vai da escuridão, no espaço de abjeção imposta historicamente aos homens de cor, à consagração dos “coloridos” da terra/flores/metais/frutos. Com isso, tem-se um indicativo de vida fértil e de esperança, de um “brasido colorido” que diz da alma nacional, luzindo cores e o clima tropical. “A poesia traz, sob as espécies da figura e do som, aquela realidade pela qual, ou contra a qual, vale a pena lutar”, diz Bosi (1977, p. 192), fazendo “ver outras formas de encarar o real”, como quer Lourival Holanda (2019, p. 39).

E eu cuido ver os múltiplos produtos
Da Terra – as flores e os metais e os frutos
Simbolizados nesses coloridos!

Ao extrato dominante no contexto aqui aludido, em que formas de preconceito e discriminação do negro foram naturalizadas e vistas como universais, decorrentes de mecanismos de poder que instituiu o processo histórico e social do escravismo, a lírica de Augusto dos Anjos reage como *negação*, sem, contudo, fazer alardes.

Se considerarmos que o poema foi publicado nos anos iniciais do século XX, então ele se situa no período pós-abolicionista. Nesse caso, com o advento da Abolição, embora permaneça com a imagem de pertencente à raça inferior, o negro passou a ter, gradativamente, a sua mão-de-obra escrava convertida em trabalhador livre. Nessa nova ordem social, ele “[...] aparece assim como fator dinâmico da vida social e econômica brasileira” (ORTIZ, p. 19). É nessa perspectiva que vemos o poema se materializar como crítica do apego ao poder constituído, na recusa da escravidão e da desigualdade e dos discursos que as legitimam.

Se considerarmos que a visão de mundo dominante, alimentada pelo discurso racista, nos deu a imagem de ser indolente do negro, cuja apatia logo foi associada ao despossuído de razão e à degenerescência, o negro não poderia ser concebido enquanto sujeito da história capaz de contribuir para o desenvolvimento do país, embora os senhores de escravo dependessem de sua mão-de-obra. No entanto, o último terceto do poema reponta questões para além desse quadro redutor, sugerindo a imagem do negro dentro de um cenário de absorção de trabalhador livre, de onde advém sua força e dela o impacto no componente econômico do país, muito embora a ideia de trabalhador livre pertencesse mais ao universo do sonho e do desejo de liberdade do que da realidade concreta, no contexto aludido.

Considerações Finais

O poema de Augusto dos Anjos foi abordado como uma forma expressiva de contestação da ideologia racista coetânea ao poeta e das forças dominadoras de exploração escrava, surgindo aos olhos do leitor como *recusa* do presente observado, da mesquinhez humana e da indiferença social. No entanto, também traz, ao mesmo tempo, em sua estilística, modos de representação da cultura africana e da alma afrodescendente. Seus versos podem ser vistos como protesto contra a hostilidade da vida e como demanda de sua superação, por isso resiste ao falso esplendor do meio. A visão que o poeta empresta a seus versos não peca pelo maniqueísmo ideológico, que quer impedir, de face, o contraditório; antes se lança ao mundo atravessado pela tensão crítica, revelando, ainda que numa tensão mínima, [...] sem retórica nem alarde ideológico, que essa "vida como ela é", é quase sempre, o ramerrão de um mecanismo alienante, precisamente o contrário da vida plena e digna de ser vivida (BOSI, 1996, p. 23), abrindo caminhos para se reavaliar questões que atravessam a vida cultural do negro e a identidade afrodescendente, no contexto brasileiro atual. É descortinar-se do cotidiano de cegueira crônica e com isso:

[...] buscar o desafio cultural do mundo negro (a identidade negra africana), protestar contra a ordem colonial, lutar pela emancipação de seus povos oprimidos e lançar o apelo de uma revisão das relações entre os povos para que se chegasse a uma civilização não universal como a extensão de uma regional imposta pela força- mas uma civilização do universal, encontro de todas as outras, concretas e particulares. (MUNANGA, 2015, p. 52)

O destino dos seres oprimidos - “doentes”, “pecadoras”, “homens bexigosos”, “negro” -, incorporados à poesia do poeta paraibano, nos surge como recusa às formas de desumanização. Sob esse ponto de vista, o poema analisado resiste à “falsa consciência” (BOSI, 2010) gestada na hegemonia do poder escravocrata, contestando as engrenagens do meio em nome de uma humanidade livre da opressão. E aqui reiteramos que “resistir é substituir no eixo negativo que corre do passado para o presente; e é persistir no eixo instável que do presente se abre para o futuro”, diz Alfredo Bosi (1977, p. 191), recusando a rotina da vida imediata.

Para tal realização, o poeta deslegitimou, por sugestão de sua linguagem inventiva, os mecanismos e os beneficiários do poder, apontando para outras possibilidades do homem e da vida em sociedade. Cada verso do poema se torna, assim, um antídoto contra a retórica de dominação e segregação racial, estando o poeta abrindo caminho para se repensar a realidade histórica de exclusão reservada aos negros, apostando numa “ordem inteiramente diversa da estabelecida” (BOSI, 2010, p.123).

Se o poema se alarga como memória viva coletiva, o conjunto de verso aqui analisado fica como registro de testemunho de um tempo que passou e fez permanecer seus sombrios vestígios entre nós. Durante essa discussão, viu-se a figuração de um estado de ânimo, presente na lírica do poeta paraibano, combativo e de resistência ao quadro classificatório da pseudociência reinante no contexto de sua produção: “Nina Rodrigues só faz repetir os mestres da sua ciência, que mediam crânios e pesavam cérebros para neles encontrar as provas de uma delinquência orgânica ou atávica” (BOSI, 2002, p. 238), mas a poesia de Augusto dos Anjos conduz o leitor para além da realidade imediata e de seu cotidiano de aflição, apontando “na direção de uma situação digna do homem” (ADORNO, 2003, p. 73), que é resistir a “uma situação social que todo indivíduo experimenta como hostil, alienada, fria e opressiva”⁴.

Como se o poeta nos dissesse que a imagem forjada do negro pelo branco “civilizado” não devesse mais tomar assento, com ares de superioridade, na cena social e econômica

⁴ Idem, p. 68-69.

brasileira. Seus versos vão compondo um quadro de desconstrução da imagem de ser decadente imputada ao negro, colocando-o no centro da produção e do desenvolvimento econômico do país. Como recusa e resistência ao discurso do poder convencional, que sancionou uma infinidade de atos de monstruosidade e rebaixou o negro ao nada e às coisas abjetas, no processo histórico e social de escravidão, é que se inscreve o poema. Não é a imagem do negro indolente nem do ser apático, sujo e rudimentar, que vem aos olhos do poeta e, por intermédio de sua linguagem criadora, chega ao leitor. O que salta aos olhos é a do sujeito que contribui com a dinâmica do componente econômico, em suas múltiplas possibilidades de produção de riqueza advindas da própria terra: *flores/metais/frutos*.

Referências

ANJOS, A. A. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ARENDT, H. *A origem do totalitarismo*. Antissemitismo, imperialismo, totalitarismo. Trad. Roberto Raposo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ADORNO, T. Palestras sobre lírica e sociedade. In: ADORNO, Theodor. *Notas de literatura I*. Trad. Jorge M. B. de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.

BERND, Z. *Introdução à literatura negra*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

BORDIEU, P. *O poder simbólico*. 14 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOSI, A. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.

BOSI, A. Narrativa e resistência. In: *Itinerários*. Revista de literatura. Araraquara, n. 10, 1996.

BOSI, A. *Ideologia e contraideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOSI, A. Poesia versus racismo. *Estudos Avançados*, 16(44), 2022, p. 235-253. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9859>>. Acesso em 20 de jan. de 2023.

BOSI, A. Poesia como resistência à ideologia dominante. Entrevista concedida aos jornalistas Paulo Hebmüller e Daniel Garcia. In: *Revista Adusp*. Disponível em <<https://www.adusp.org.br>>. Dez. 2015. Acesso em 13 de janeiro de 2023.

BROOKSHAW, D. *Raça e cor na literatura brasileira*. Trad. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado aberto, 1983.

DUARTE, E. A. (Org). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. 2. Reimpr. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, vol. 1, Precursores, p. 13-48.

FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. 39 ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

HERNANDES, L. L. *A África na sala de aula*. São Paulo: Selo Negro, 2005.

LOPES, N. *Bantos, malês e identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MERQUIOR, J. G. 2 ed. *A Astúcia da Mimese*. Ensaios sobre Lírica. Rio de Janeiro: Topbooks, 1997.

MERQUIOR, J. G. *Razão do poema: ensaios de crítica e de estética*. 3 ed. São Paulo: É Realizações, 2013 (Biblioteca José Guilherme Merquior).

MUNANGA, K. Algumas considerações sobre “raça”, ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. In: *REVISTA USP*, São Paulo, n.68, p. 46-57, dezembro/fevereiro 2005-2006. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br>>. Acesso em 20 de jan. de 2023.

NOVAES, A. (org.). *O silêncio e a prosa do mundo*. São Paulo: Edições SESC São Paulo, 2014.

SANTOS, D. C. S: O riso irônico como representação da identidade e da memória social do negro. In: FERREIRA, Élio; MENDES, Algemira de Macedo (orgs.). *Literatura afrodescendente: memória e construção de identidade*. São Paulo: Quilombhoje, 2011, p. 49-60.

SCHWARCZ, L. M. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: _____. (Org.). *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 173-244.

Submetido em: 31.01.2023

Aceito para publicação em: 2.02.2023